

Plano Real traz à tona fragilidade das alianças eleitorais do PT

por Marcio Aith
de Porto Alegre



Luiz Inácio Lula da Silva

Quando perdeu as eleições presidenciais de 1989, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, uma das mais notáveis personalidades políticas surgidas depois da redemocratização, disse que não se sentia derrotado.

Na sua visão, o resultado eleitoral decorria mais de um "empurrãozinho" dos meios de comunicação e da "elite econômica" do que de uma eventual falta de apoio popular ao seu projeto.

O simples fato de ter chegado ao segundo turno sozinho, sem coligações, à frente do PMDB, de Leonel Brizola e de Mário Covas, parecia-lhe um prenúncio. A vitória era, para ele e para o Partido dos Trabalhadores (PT), uma questão de tempo: quatro anos.

Próximo do povo mas longe dos políticos

Lula, um ex-metalúrgico da Villares, na região do ABC paulista, passou então a executar um projeto elaborado com seu principal assessor, o jornalista Ricardo Kotscho iria percorrer o Brasil em caravanas - percorreu ao todo 41 mil quilômetros -, ocupando o espaço utilizado pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello em 1989 - as camadas desorganizadas da sociedade - para garantir a vitória em 1994.

Em 1990, nas eleições estaduais, desprezou um acordo feito com o ex-governador Leonel Brizola, no segundo turno de 1989, e decidiu não forçar o PT a apoiá-lo na sucessão carioca. Lula já pensava nas caravanas, e optou por se aproximar do "povo", e não dos "políticos".

Com essa estratégia, Lula descartou seus aliados no segundo turno de 1989. Com o próprio PSDB - hoje seu maior adversário -, Lula e o PT tentaram uma negociação, que falhou, em parte, por causa da indefinição sobre quem deveria encabeçar uma chapa presidencial. "O PT julgava que deveria ser ele."

Dois outros fatos, acontecidos em 1992 e 1993, fizeram com que o PT e Lula entrassem no ano de 1994 com 40% dos votos nas pesquisas, com uma confiança extrema e contra um emaranhado de candidatos que, somados, não atingiam 20%. O primeiro foi o "impeachment" de Collor - que acabou, para a opinião pública, revelando-se a "fraude" que Lula apregoava nas eleições. O outro foi a CPI do Orçamento, que descobriu um esquema de corrupção no Legislativo alguns meses depois que Lula disse existir "uns trezentos picaretas no Congresso".

"Como candidato, Lula fez tudo certo", diz o diretor do IBOPE, Carlos Augusto Montenegro. "Se eu fosse seu assessor, e ele candidato, eu não sei o que iria sugerir", diz. O comentário de Montenegro, feito em conversa informal com este jornal, há um mês, exclui a política de alianças. Ou seja, Montenegro, ao fazer o comentário, colocou como posta a candidatura de Lula sem alianças.

"Ele fez tudo certo como candidato"

Segundo todos os políticos e cientistas políticos ouvidos, a falta de alianças, um problema não aparente quando Lula estava na frente das pesquisas, tornou-se uma dificuldade visível com o lançamento da moeda de Cardoso. Com a popularidade do real, Fernando Henrique Cardoso pôde avançar sobre a parcela da classe política (PMDB) que não se havia vinculado a nenhuma candidatura.

"O fato de o PT ter ficado contra o Real, em tese não comprometeu o Lula. Mesmo se ele tivesse ido ao Palácio do Planalto para dizer que o Real era dele não mudaria o quadro. Iriam dizer que ele é oportunista", diz o

deputado Delfim Netto (PPR) - ele mesmo um crítico ferrenho de alguns aspectos do Plano Real.

A análise de Delfim é que Lula bateu contra um caminho - o Real. A de Montenegro é que Lula não estava preparado para a batida. Análises do instituto mostram - em pesquisas qualitativas - que Lula tem até 30% da sociedade. Nunca mais que isso. "O PT tem menos ainda, Lula é maior que o PT", diz Montenegro.

Na próxima segunda-feira, no dia das eleições, Lula estará submetendo pela segunda vez seu nome a uma análise da população. "Se Lula for para o segundo turno, espero que consigamos ampliar o leque de nossas alianças", diz o deputado federal José Fortunatti (PT-RS). Ele reconhece que a política de alianças do PT é fraca, mas não quer aprofundar o assunto.

'Se apoiasse o Real diriam que ele é oportunista'

Os chamados "heterodoxos" da bancada federal do PT, Paulo Fortunatti (RS), Luis Gushiken (SP), José Genoíno (SP) e Paulo Delgado (MG), querem recuperar o poder perdido dentro do partido com o resultado de 3 de outubro, seja em direção a um segundo turno, seja nos rumos do PT num eventual governo Fernando Henrique Cardoso.

Esses deputados se incluem entre os que desde o início da campanha alertaram Lula para os desacertos da estratégia do partido. Até o episódio da substituição do senador José Paulo Bisol (PSB-RS), a ala moderada do partido não teve vez no comando da campanha.

Estima-se que se o PT ganhar as eleições presidenciais de 1994, seu maior problema será o relacionamento com o Congresso Nacional. Luiz Dulci, secretário de Governo da prefeitura petista de Patrus Ananias, em Belo Horizonte, é uma das únicas pessoas no PT escalada para tentar fazer as alianças do partido.

Tentar de novo o poder com alianças

Os deputados federais do PT não foram indicados, pois tinham divergências profundas com a burocracia do partido. Os deputados federais José Genoíno, Paulo Paim e Fortunatti estão acostumados a negociar. "A negociação envolve mudar um pouco o objetivo de curto prazo. Exige que você entregue algo agora para buscar algo melhor no futuro. O partido ainda não entendeu isso. Não quer descaracterizar o programa, e quer executar seu plano sozinho, sem aliados. Às vezes, eu acho que sem o Congresso", disse um deputado federal do PT.

Lula é um negociador nato, dizem as pessoas que o conhecem, entre as quais Olívio Dutra, ex-prefeito de Porto Alegre, que dividiu um apartamento com Lula em Brasília, quando os dois eram deputados. Olívio diz que a experiência de Lula no ABC definiu seu caráter de negociador.

Se perder as eleições, o PT deve entrar num período de discussões internas. Deve optar entre não fazer alianças, e virar uma espécie de PDS na Itália (mantendo sempre um percentual de representatividade que não lhe coloca no poder, mas lhe dá a oportunidade de influenciar políticas) ou mudar sua maneira de ver a política. Tentar o poder com alianças.